

## A Caixa de Pandora: algumas considerações sobre os protestos de inverno em São Paulo (2013)

WELLINGTON FONTES MENEZES\*

**Resumo:** Inicialmente desfraldada cidade de São Paulo, uma onda catártica que repentinamente assolou o país no inverno de 2013, com brados nacionalistas que redundam no bordão, o "gigante acordou", mostrou-se como um ímpeto difuso por "mudanças" nas políticas sociais, calcadas no descontentamento da realidade cotidiana. Todo o crescimento das manifestações teve como ponto central uma reivindicação pontual, ou seja, a ênfase na redução de tarifa dos meios transportes públicos. Percebe-se o pragmatismo circunstancial deste tipo de clamor popular se comparado a tantas outras supostamente mais relevantes e contundentes já circulantes na vida cotidiana da cidade paulistana. A questão pertinente é: por que uma questão aparentemente "menor" elevou-se tamanha comoção social e quem se beneficia realmente com estas manifestações? Como são episódios muito recentes, algumas lições que devemos nos esforçar com maior desprendimento, no calor do momento, na tentativa de compreender tal repentino fenômeno.

**Palavras-chave:** governo Dilma; lutas sociais; manifestações populares; violência; políticas públicas; conservadorismo.

**Abstract:** Initially unfurled city of São Paulo, a wave suddenly cathartic that struck the country in the winter of 2013, with shouts nationalists that result in staff, the "giant awoke" proved to be an impetus for widespread "change" in social policies, sidewalks the discontent of everyday reality. All growth manifestations had a claim as the central point, i.e. the emphasis on reduction rate of public transport means. Realizes circumstantial pragmatism this kind of outcry compared to many other supposedly more relevant and compelling already circulating in the everyday life of the city of São Paulo. The pertinent question is: why an issue seemingly "minor" amounted to such social upheaval and who really benefits with these manifestations? As episodes are very recent, some lessons we must strive with greater detachment, in the heat of the moment, trying to understand this sudden phenomenon.

**Key words:** Dilma Rouseff government; social struggles; demonstrations; violence; public policies; conservatism.



\* WELLINGTON FONTES MENEZES é Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, Bacharel e Licenciado em Física pela Universidade de São Paulo (USP). Contato pelo e-mail: [wfmenezes@uol.com.br](mailto:wfmenezes@uol.com.br)



### 1. Para além das tarifas e atos “apolíticos”: os ingredientes da multidão

Nem o mais otimista dos reacionários ao mais entusiasta dos revolucionários acreditaria da forma magnânima que uma espécie de “Cansei popular” impregnou no imaginário brasileiro. A onda de indignação fez barulhos diversos, sacudiu um pouco da poeira da apatia resignada e desalojou demônios que estavam no fundo da Caixa de Pandora<sup>1</sup>. Além de estragos substanciais dentro e fora do governo

---

<sup>1</sup> Aqui se remete a personagem de Pandora da mitologia grega, sendo ela a primeira mulher criada por Zeus, e a qual teria na verdade um jarro (e não uma caixa) que poderia conter os males do mundo. A curiosidade de Pandora fez libertar do jarro todos os fenômenos da maldade e remanesceu em seu conteúdo a esperança. Uma possibilidade de interpretação desse mito seria tal que uma vez libertado os males, o ser humano não poderia melhorar sua condição sem enfrentar as adversidades no caminho de seu propósito.

Dilma, do Partido dos Trabalhadores (PT) e na própria trajetória das esquerdas mais progressistas. O apelo popular dos protestos de inverno teve como estopim um aumento da tarifa dos transportes públicos dado pelo prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, por sinal, o primeiro reajuste tarifário de sua gestão, sintomaticamente, pesa no bolso do trabalhador, mas irrisório se comparado às demais aumentos das gestões passada<sup>2</sup>. Logo, o que se presenciou foi uma catarse que está longe de ser justificada apenas com um aumento pontual das tarifas, se verificado como se processou o tamanho ímpeto de fulgor de seus manifestantes<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> O reajuste tarifário das passagens de transportes públicos, em São Paulo, passou de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, daí o mote que projetou os protestos de inverno: os vinte centavos.

<sup>3</sup> É importante lembrar que revoltadas populares desta natureza, ou seja, protesto contra a situação do transporte urbano não é uma

Em uma grande amalgama, o ponto central são os estudantes oriundos de várias origens, a partir da típica classe média, os remediados e até os mais pobres acabaram se unindo momentaneamente em torno de uma bandeira frágil que é a questão da elevação de vinte centavos adicionados ao valor da tarifa vigente dos transportes públicos, mas que juntou os desejos latentes e negados para poder em reluzir algo maior no balaio de suas ambições reivindicatórias. Lembrando ainda que São Paulo é uma cidade historicamente conservadora politicamente (prova que aqui é um reduto dos neoliberais tucanos do PSDB) e somente manifestações tão pragmáticas e pontuais poderiam ocorrer este tipo de voluntarismo, sem se apegar com alusões messiânicas e sensacionalistas com outras distintas realidades pelo mundo. Alguns diziam amiúde, de forma apologética, em uma suposta “Primavera Brasileira”, em alusão às mobilizações de milhares jovens contra as ditaduras endógenas dos países árabes, mas que no do Brasil, se encontrava na estação climática de inverno e com divergentes demandas, apesar de serem humanamente justificáveis, mas histórica e socialmente muito distintas<sup>4</sup>.

Nesta esteira, Haddad também não percebeu que esse é movimento tipicamente da Pós-Modernidade, sem definição apriorística de cores ou

---

novidade no Brasil. Carvalho (2002) já mencionava o ímpeto da revolta do Vintém em 1880, no Rio de Janeiro e, de forma mais detalhada, Ferreira (2013) descreve outras revoltas do gênero no país durante o século XX.

<sup>4</sup> Daí a denominação de “protestos de inverno”, aqui adotada, por parte das manifestações ocorridas nos meses de junho e junho, por considerá-las ainda em processo que carece de um olhar mais temporal dos eventos e que ainda se encontra em um estágio supostamente embrionário.

ideologias, uma pasta de rostos mascarados ou não, sendo mesclado de extremistas de esquerda até candidatos que poderiam aderir às fileiras de uma hipotética “juventude hitlerista”, também incluindo petistas e anti-petistas, tucanos raivosos e, naturalmente, da maioria de jovens que apenas querem “alguma coisa para além de outra coisa”, que talvez fosse um pouco além do preço mais baixo da passagem do transporte público metropolitano. Esta constituição amorfa reivindicatória fez parte de um coro pontual por “passe livre” nos transportes públicos (dai o nome de batismo, “Movimento Passe Livre”) que vem de uma classe média remediada e crescente (parida pela estabilidade econômica do governo tucano de Fernando Henrique Cardoso e crescimento do PIB da gestão do governo Lula), mas aproveitou o momento para se manifestar (nem que fosse apenas para postar fotos no Facebook). Diante das voltas que o mundo dá, o pragmatismo cotidiano soou mais forte, logo a questão econômica é mais sedutora e realista, pesa na bolsa do trabalhador e da questão de sobrevivência a qual ele vegeta entalado em horas intermináveis no exaurido trânsito caótico paulistano.

Em meio a onde de protestos desencadeados, com a liberação do “vinagre” pelo Secretário de Segurança de São Paulo (a outrora substância “terrorista” proibida de forma atabalhoada em passeatas pela Polícia Militar)<sup>5</sup>, a salada de frutas e hortaliças

---

<sup>5</sup> Na ocasião, um jornalista foi preso pela Polícia Militar por portar vinagre, supostamente se acreditava na crença que o produto protegia contra o efeito do gás lacrimogênio das forças policiais. Do ponto de vista das propriedades químicas do material e para esta suposta finalidade, tal prerrogativa não procede como verídica.

do movimento dos descontentes com a tarifa de transportes é composto de muitas figuras curiosas e, até mesmo a nítida questão da falta de representação partidária dos seus manifestantes. No caso da União Nacional dos Estudantes (UNE) que vem se estruturando com verbas públicas que chegam aos milhões, via patrocínio do Governo Federal, com que cara poderia vir a público para protestar contra o mesmo governo que irriga sua conta bancária? Assistidos pelo Governo Federal nas gestões Lula e Dilma, o fato é que grande parte dos estudantes que se manifestam, por mais que se auto-intitularam que seriam “apolíticos”, foram beneficiados por programas governamentais de vagas e cotas das universidades públicas e, no caso das universidades privadas, obtém alguns benefícios como o PROUNIs e FIES, além disto, os alunos, em particular da cidade de São Paulo, pagam metade da passagem de transportes vigente nos coletivos urbanos. Repentinamente, os mesmos estão usando um discurso de descontentamento do mesmo governo que os beneficiaram com projetos de "inclusão social".

Sintomaticamente, houve uma frustração aparente da exuberância prometida de expectativas muito além da realidade gerenciada nas administrações federais petistas de Lula e, agora, Dilma Rousseff. Curiosamente, de tantas demandas urgentes no Brasil (alias, isto é o que não falta em um país que se intensificou no remendo social), se pegaram a uma bandeira que apesar de sua relevância, não é uma das mais emergenciais, porém atrapalha a vida (e muito) da classe média: o trânsito caótico e as vias saturadas de acesso da cidade.

De uma forma estrutural, no caso de São Paulo, a questão da gratuidade

repentina dos transportes coletivos passa necessariamente pela reestatização do sistema, que por sinal, lotada por máfias viscerais que fazem a Prefeitura de refém, mas em nenhum lugar do mundo com densidade demográfica considerável e problemas similares (ou menores) que os nossos, conseguiu algum êxito na gratuidade, exceto algumas ilhas paradisíacas em cidades muito pequenas. Naturalmente, o desafio é pertinente, mas irrealístico momentaneamente. Logo, a justificativa da causa é controversa, ao se lutar por uma proposta supostamente idílica em meio às outras necessidades tão mais gritante e urgente, daí ocorreu um trampolim para diversas demandas sociais.

A partir do epicentro paulistano, sob um efeito semelhante à queda de pedras perfiladas de dominó, uma série de protestos alastrou em várias cidades do país que, independente de terem aumento de tarifas de transportes coletivo, reivindicam uma plataforma em branco com apenas bordões de ordem e desejos subjetivos. As bandeiras foram tão difusas que muitos dos manifestantes mais radicais preferiram, literalmente, queimarem as bandeiras partidárias, particularmente da esquerda. Além da queima de bandeiras, como foi proposto por algumas vozes mais extremistas, optou também pelo uso da violência de forma a se confrontar com a polícia pelas ruas. Notadamente, o germe fascista se encontra na negação da política e na banalização da democracia. Uma das características do capitalismo, e aqui na predominância de sua vulgata neoliberal, é eliminação da política como forma de não atrapalhar a circulação do capital e nem fomentar maiores questionamentos de uma sociedade mediada pelo automatismo materialista, profundamente desigual e

predominantemente narcíseo. Todavia, não é esta a questão principal, uma vez que as mobilizações são salutares e cada um pode se posicionar como desejar no paiol de desejos e anseios. Porém, quem ganhou com um movimento com uma pauta tão volátil e genérica?

## **2. A agenda genérica e a incompetência governamental**

Romper com o atraso secular e queimar etapas em poucas décadas são sempre tarefas difíceis, e arriscadas, com alto preço político, sujeitas a fraturas e diversos descontentes. Os grandes temas de outrora se esfacelaram em necessidades do cotidiano. A ordem do dia era derivada de questões mais próximas e imediatistas ao cotidiano das pessoas, fruto do sucesso que o neoliberalismo contaminou em escala ocidental e, aliado a isto, também ao refluxo de um mundo sem grandes ilusões oníricas do pós-muro de Berlim. Sem uma ameaça mais latente do comunismo de molde soviético, o terreno estaria livre para a sanha feroz e ilimitada do predomínio do capital e a sua vertente neoliberal.

Alguns se glorificaram que tais manifestações seriam “únicas” da história do país e estaríamos, de acordo com esta retórica, nos desvirginando neste exato momento para um novo Éden dos Trópicos (mesmo sem nenhum conjunto de ideias mais concretas na onírica plataforma de reivindicações). Todavia, no balaio do ufanismo viesado, foi esquecido às lutas históricas que muitos deram, literalmente, a vida para os mesmos hoje se arrogarem oportunisticamente de serem os “salvadores da pátria”.

Em São Paulo, inicialmente, o crescimento de um movimento difuso deve-se escancaradamente à falta de

habilidade e sensibilidade política do prefeito Haddad, lembrando que ele foi o ministro de Educação do Governo Lula, além de receber a prefeitura de bandeja por ser um dos pupilos do próprio ex-presidente Lula (ou seja, em condições muito favoráveis eleitoralmente). Como se estivesse entronado no alto da Prefeitura, lembrando alguns de seus conservadores e reacionários antigos sucessores, como Jânio Quadros e Paulo Maluf, Haddad sequer quis ao menos ouvir antecipadamente os manifestantes a respeito do valor vigente da passagem (paradoxalmente, a aproximação com os movimentos sociais foi um fundante pilar histórico do Partido dos Trabalhadores). Neste episódio se mostrou patente o quanto a leniência política custaria um alto preço para o futuro imediato, seja para o “Bem” ou para o “Mal”.

## **3. A violência como retórica e gasolina na fogueira**

No Brasil há uma estranha lógica que une trabalhadores e a elite, um certo fascismo verde-amarelo mesclado com um "jeitinho" totalmente "nosso. As elites que detém o monopólio do poder preferem uma força de repressão tosca, mas eficiente. Paradoxalmente, a população também aplaude quando esta mesma polícia, sádica e eficiente, mata supostos bandidos (ou quem se mexer pela frente) sem contar até três. Prova disto é a inabalável estrutura das forças policiais que em plena era democrática não se alterou em nada deste o final do Regime Militar. Muitos são saudosistas dos tempos da repressão e da usurpação do poder pelos militares, mesmo sem sequer terem vividos nesta época. Não há problema algum quando a pancadaria realizada por forças policiais é contra movimentos organizados de professores

e demais trabalhadores de funções baixas ou médias, favelados ou movimentos sociais de pobres como MST ou MTST, mas quando isto se volta para a classe média bem-nutrida e seus filhos, aí se diz aos quatro ventos, que polícia brasileira é rotulada como a “pior do mundo”.

Não há dúvida que o trabalhador assalariado de nível médio, aquele que recebe até dois salários mínimos (ou seja, a grande maioria desta classe<sup>6</sup>), certamente apoiaria qualquer manifestação que reduza o preço de quaisquer mercadorias, mas não é apenas a tarifa de transporte coletivo que pesa no seu bolso. Este trabalhador sente de forma existencial o seu endividamento bancário atrelado a um salário que vem sendo corroído por uma sornateira inflação que o governo nega existir. Deve-se destacar a imperiosa necessidade da grande maioria dos manifestantes ao invocar um suposto caráter “apolítico” (muitas vezes se mesclando com tons “apartidários”) oculta que na sua essência seria um convite para a negação da política como meio de construção democrática, a opção multifacetada dos pequenos grupos (alguns com tons violentos) que se arvoram pertencerem à causa do “passe livre” e daí a dificuldade de reunir uma agenda consensual de propostas (tarefa sempre pouco trivial em qualquer tipo de construção reivindicatória).

---

<sup>6</sup> Aqui se remete ao quem vem sendo chamada de “nova classe média”, alicerçada no período do governo Lula, e que representa uma massa de trabalhadores com demandas reprimidas de consumo e tiveram subsídios governamentais e algum crescimento, mesmo que irrisório, dos salários e de forma muito nítida, sustentaram a circulação de mercadorias no plano interno. Tal “nova classe média” é apenas um amorpho conjunto de consumidores, sem se constitui de fato em uma classe mais orgânico com ideário e objetivos comuns.

A violência se tornou a força motriz do debate, deixando de lado a uníssona pauta da redução da tarifa. A ação da Polícia Militar do governador tucano Geraldo Alckmin, com energia desproporcional, conseguiu a proeza de dar mais fôlego aos manifestantes e criar uma indignação de boa parte dos paulistanos. Logo, após o cenário da ação truculenta da política na quinta-feira, 13 de junho, toda a discussão deslocou das tarifas de transportes para a escalada de violência dos atos protagonizados por manifestantes e a polícia. Por sinal, a imagem de Haddad ao longo das quatro primeiras manifestações foi de um prefeito acovardado e omissivo e que somente mostrou sua face na manhã seguinte, na sexta-feira, 14 de junho, diante dos microfones do “Bom Dia SP”, programa matinal da Rede Globo. Curiosamente, Haddad mostrou-se acuado, e submisso a uma emissora que tem como praxe a crítica aos movimentos sociais, deturpar ou omitir manifestações populares e continua como símbolo do império das telecomunicações neste país.

Paradoxalmente, os maiores militantes dos movimentos difusos foram às forças de segurança de Geraldo Alckmin, governador de São Paulo, que conseguiram a proeza de fazer absolutamente “tudo errado” (do ponto de vista de truculência excessiva) e atingir o alvo por efeito colateral: o rastilho de pólvora desencadeando a eclosão da onda catártica de indignação irrigada por superestimada uma possível esperança frustrada e fomentada pela grande mídia. Como não deve ser muito difícil de supor, nem todas as mobilizações populares são de “esquerda”, como muitos entusiastas se iludem aprioristicamente, mas representam diferentes interesses conforme o gosto da reivindicação e fatos políticos momentâneos.

#### 4. Ares de manipulação e enxofre circulante

O momento foi de uma metamorfose ambulante. Relevante observar uma sintomática posição: o jornal Folha de São Paulo, que antes pedia ação enérgica da Polícia Militar, em seus editoriais contra os manifestantes, subitamente, estava usando seus principais editorialistas (por sua vez, antes todos torciam seus narizes contra os "vândalos" manifestantes) para apoiarem os protestos e, subitamente, passou até mesmo divulgar um suposto "calendário de protestos" em seu site oficial, como se fosse um "serviço de informações para os leitores".

De repente, o desejo inicial de passe livre dos transportes se transformou no passe livre para desestabilizar o governo Dilma à quase um ano das eleições gerais no país. Lembrando que as alas mais conservadoras fazem de tudo para voltar de fato ao poder e coibir qualquer governo minimamente progressista (mesmo sendo bem estabelecidas alas conservadoras no atual quadro do governo federal). Curiosamente, os mais jovens que antes eram considerados "vândalos" foram se transformando em "mártires" pela imprensa. Ponto sintomático foi a conservadora e reacionária Revista Veja, carro-chefe do Grupo Abril de maior tiragem no país, que sempre se posiciona contrária a qualquer manifestação popular, reacionária da primeira à última página, num passe de mágica, adulou a criançada (ao modo da revista, é claro!) com até mesmo agraciando-os com uma matéria de capa com o pomposo e hercúleo título: "A revolta dos jovens" (REVISTA VEJA, 2013).

Muitas dúvidas a respeito de quem realmente está se servindo das manifestações que outrora se passava de atos cívicos, juvenis de bons moços e

boas moçoilas contra dragão virulento do aumento da passagem (como se jamais houvesse nesta cidade aumentos sucessivos e abusivos de tarifas de transportes públicos) para ganhar corpo e se transformar num mecanismo da direita para voltar ao poder. A dúvida se bifurca em busca de qual direção tais movimentos pretendem se dirigirem, entre a esquerda ou à direita, ou simplesmente, se esgotou da mesma forma e velocidade que surgiu no horizonte.

#### 5. (Re)nascendo um "Cansei popular"?

Não há como não associar os atuais movimentos "apartidários" com outro movimento igualmente "apartidário" criado pela nata da burguesia brasileira no ano de 2007, denominado "Cansei", cujo nome oficial era "Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros", que reunia, em suas fileiras empoladas, empresários ligados a FIESP, socialites, artistas e cantores, além de entidades da sociedade civil como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), num total de mais de sessenta entidades segundo página de sítio oficial da internet durante sua vigência. O coro partidário estava sendo puxado pelo PSDB e o DEM e estavam alijados do Governo Federal. Na época o movimento se dizia apartidário (mesmo contando com apoio dos partidos da centro-direita) movimentando uma bandeira do moralismo, ancorado numa plataforma em branco, bradavam o "fim da corrupção" e, claramente, objetivava desestabilizar o então Governo Lula. Todavia, sem uma aderência com os demais setores da sociedade e sem seduzir um "clamor popular" e no auge da popularidade de Lula, o movimento não vingou (ABRUCIO, 2007). Curiosamente, os mesmos que

reclamavam do governo petista, foram os maiores beneficiados das medidas neoliberais de Lula. Anos mais tarde, a partir de uma anoréxica pauta de reivindicação estudantil, parece que um novo “Cansei” vem se tomando forma, com ares populares, angariando todos os descontentes e oportunistas de plantão, reunindo desde os mais jovens da classe média, estudantes beneficiados com programas sociais do Governo Federal, profissionais liberais de direita ou descontentes com a esquerda e sorratamente a visão golpista da Grande Mídia.

Diante de um esvaziamento da representatividade política, corre sempre o risco de surgir os fundadores da nova ordem, ilibados e preocupados com o povo que roubaram o doce das crianças: a direita e seus extremistas envernizados e "solidários" às demandas populares. O efeito “Collor de Melo” foi um episódio sintomático de nossa recente democracia dos trópicos e ávida por soluções mágicas. Por enquanto, com o riso de orelha a orelha, a burguesia cochicha entre seus elementos de grife e pequenos burgueses reacionários: “vamos deixar o circo pegar fogo, canibalizar o leão, sodomizar o palhaço, a polícia de Alckmin colocar mais combustível e a esquerda desorientada, metendo os pés pelas mãos”.

Enquanto os trabalhadores e estudantes se “cansam”, fazem um trabalho ingênuo de desestabilização do governo federal, cria espaços claros para o retorno da direita e leva o país para mais um retrocesso de sua história. As elites são muito mais matreiras e sabem sempre se assentarem no poder, utilizando-se das formas mais sorrateiras possíveis para permanecerem intactas diante de todo o processo.

Diante do afã reivindicatório moralizante, diversidade de atores sem coesão alguma e sem nenhum norte programático, um perigoso cavalo de Tróia parece estar sendo desenhado, bem debaixo do calor dos acontecimentos e justas reivindicações populares. A massa se torna uma pasta constituída de uma densidade numérica, mas longe de ser uma oposição reivindicatória que possa, de fato, refletir alguma contribuição substancial (exceto para os românticos de plantão e seus discursos inflamados sobre as latentes subjetividades). As elites sabem bem disto, aliás, sempre soube se aproveitar das carências e demandas sociais e vão aproveitar, ao máximo, essa cansada amnésia popular para uma triunfal volta ao poder. Pior para os resquícios das esquerdas, que cada vez terão diminuído seu espaço que será reconquistado por partidos de centro-direita. O discurso “apoliticamente correto”, a negação da política, somente serve para a direita e seus fascistas de plantão. A guinada à direita parece se projetar para uma realidade materializante. Diante de uma realidade com ares surreais, a Caixa de Pandora estaria começando a se abrir e sem um lastro bem definido, bem típico das surpresas que a História nos concede.

## **6. A orfandade política e a onda conservadora.**

Conforme já abordado, a opção conservadora por um nítido rancor à "corrupção", a "política" e aos partidos políticos dá o tom moralista dessa onda de "indignados" e que nutre perigosas sementes adesistas à qualquer chamado que penderá para qualquer discurso mais influente. O tom nacionalista repentino a retórica do "apartidarismo" e do sentido "apolítico" demonstra um caráter messiânico de desejos por

reformas sem estarem conectados com política e, muitas vezes, sem compromisso mais vigorosos com a democracia. A sanha agressiva de expulsar bandeiras de partidos políticos (leia-se “partidos de esquerda”) demonstrou a intolerância de setores que adotaram o movimento contrário à democracia representativa. Apostaram no “quanto pior, melhor”, para seus interesses mais escusos.

Provavelmente, o grande destaque dos protestos de inverno foi o seu meio de divulgação, as redes sociais, sobretudo o Facebook, que convocam a todos, indistintamente, para os “eventos” que poderia ser uma simples balada até mesmo um protesto de rua. O ufanismo triunfalista ventilado de que as redes sociais e sua “horizontalidade de poder” (citando uma metáfora vigente na época a qual se dizia que as manifestações eram “espontâneas” e não tinham lideranças definidas) poderão substituir os moldes tradicionais da representação política? Neste interim, são sintomas pertinentes da Pós-Modernidade em que muitos dos esclarecidos jovens da “geração *Playstation*” dão mais importância às midiáticas máscaras de carnaval, em especial do “revolucionário” Guy Fawkes<sup>7</sup>, do que as ideias políticas mais concretas como pressupostos para uma mobilização mais orgânica<sup>8</sup>. Não deixa de ser

<sup>7</sup> Controverso personagem inglês imortalizado na *graphic novel* com roteiro de Alan Moore e arte de David Lloyd, “*V de Vingança*” e posteriormente estreou nos cinemas. O Guy Fawkes de Moore ficou conhecido com uma figura revolucionária dentro de uma fascista Inglaterra fictícia.

<sup>8</sup> Um conceito importado da Europa de protesto com arcabouços anarco-fascistas foi visto circulando e vandalizando nas ruas: o chamado “Black Blocs”. Jovens com integrantes de diversas classes sociais, que se vestem de preto, aderem a qualquer mobilização de rua e patrocina uma série de quebraqueira contra o

curioso que uma dos bordões mais utilizados pelos manifestantes nas passarelas dos protestos é “*Vem pra rua*”, originalmente um jingle de campanha publicitária de uma indústria automotiva, a FIAT. Também nítida a capacidade de agregar descontentes raivosos, desconsolados com o futuro, curiosos de plantão e baladeiros arroz-de-festa ao esquema de adesões eletrônicas, conhecido como “flash mob”, ou seja, mobilizações instantâneas e anônimas, via redes sociais, sem uma liderança específica para praticar algum dado fim que se aglomeram tão rapidamente quanto sua velocidade de dispersão. Pertinente frisar que tais mobilizações não obedecem a uma pauta de reivindicações e tampouco se traduz em uma plataforma de ideias mais firmes ou correntes de sólidas articulações.

O canibalismo praticado pelos grandes meios de comunicação contra o movimento inicialmente projetado pelo MPL (Movimento Passe Livre) é sintomático. Quando o MPL tentou retomar o monopólio de sua mobilização, já era tarde, a Grande Mídia abraçou o movimento que contava com a participação desde o arauto midiático da direita, como Arnaldo Jabor (Rede Globo), quanto o tom verborrágico-apocalíptico de José Luiz Datena (Rede Bandeirantes), se rendiam às manifestações e se postulavam como porta-vozes televisivos dos últimos acontecimentos.

O caráter caótico das marchas mostra que a indignação é a deliberação catártica do “nó preso na garganta”, que traduz a um rancor da política e o glamour da despolitização com um

patrimônio público e privado objetivando uma destruição midiática (o que eles mesmos denominam de “performance da violência anti-capitalista”).

estranho charme patriótico. A partir daí nada de orgânico foi realmente construído com belas metáforas apolíticas, bom mocismo voluntarioso e vazio substancial. O neoliberalismo ventilou há anos que o fim da política (leia-se, os partidos das esquerdas mais progressistas) seria necessária para uma nova ordem de prosperidade. O “canto da sereia” neoliberal seduziu de forma sistêmica a sociedade brasileira. Logo, a incompetência das esquerdas ocupando o poder e o desafio frustrado de romper com o modelo neoliberal jogou o país no retorno do conservadorismo flertando com o fascismo de plantão. O grande capital corroe as fundadoras bandeiras reivindicatórias das esquerdas, em especial, do PT, e que restou foi à servidão voluntária dos governos petistas.

## 7. O gigante sonambulo no Círio de Nazaré

Dado seu caráter pouco democrático e monopolizador, quando toda a Grande Mídia aplaude e incentiva, repentinamente, algo que antes ela sempre teve asco, alguma coisa de podre no reino brasileiro estaria no ar. Curiosamente, o bordão que o “gigante acordou”, ecoado sintomaticamente nos quatro pontos cardeais brasileiros, após as primeiras manifestações de rua, demonstra o tamanho da alienação presente em nossa sociedade, a qual foi passiva com seu próprio tempo histórico e ignorante perante sua própria História. Há motivo para uma repentina estratosférica indignação? Se sim, não partiu dos que deveriam estar realmente indignados: a patuleia que leva o país literalmente nas costas, o povo mais humilde e que conta cada centavo para esticar o precário orçamento até o final do mês. Por sinal, eles, os menos favorecidos economicamente,

justamente é o mesmo estamento social que tem maior simpatia pelo governo Dilma (USSAN, 2013). Também se mostrou presente certo oportunismo cínico de alguns de seus participantes, a grande maioria da classe média, que reclamaram de tudo, o que antes sempre apoiaram, como entusiasmo patriótico, por exemplo, a presença dos megaeventos no país, a Copa do Mundo, em 2014 e as Olimpíadas em 2016. A Copa das Confederações, torneio preparatório para a Copa do Mundo, evento sendo realizado no exato momento que ocorrerem os protestos no país, estiveram com seus estádios lotados e torcedores brasileiros embranquecidos nas arquibancadas, com algumas manifestações surrealistas de seus participantes reivindicando qualquer coisa na tela da Rede Globo, a detentora oficial dos direitos de transmissão.

As vaias contra a presidente Dilma no sábado, 15 de junho, na abertura da “Copa das Confederações”, em Brasília, foi mais um sintoma deste processo que foi ganhando corpo no país durante o período em questão. Quem vaiou Dilma? Os mesmos que pagaram um preço exorbitante, ou conseguiram com alguma gratuidade, os ingressos para assistir a partida de abertura do torneio de futebol entre Brasil e Japão. Desta forma, foi à burguesia fina e educada que vaiou a presidenta. Lembrando que a corrida presidencial já começou não-oficialmente e a mobilização da direita e das elites nacionais que não suporta qualquer governo minimamente progressista, abrindo alas para se utilizar das conhecidas ferramentas de desestabilização governamental, agora municada e orquestradas pela repentina insatisfação popular sem um núcleo definido de algumas camadas populares com o oportunismo da grande mídia,

sempre contrário aos interesses dos trabalhadores.

A desilusão com os valores democráticos (ou lentidão dos processos democráticos) por parte significativa da sociedade e a falta de representação política dos partidos engessada por um sistema viciado pelo clientelismo e a corrupção jogaram o país no atoleiro da vala-comum. De repente, todas as poucas conquistas políticas e socioeconômicas dos últimos anos no país caíram por terra, e uma prosopopeia apocalíptica se fez presente: nada mais prestava e a Terra Brasilis virou território de ninguém. Retornou subitamente o que Nelson Rodrigues chamava de “complexo de vira-lata”, ou seja, uma espécie de síndrome histórica que padecia o brasileiro e sua inferioridade perante o resto do mundo. Todos os pedidos em cartazes flutuantes na onda conservadora têm suas razões de justiça e necessidade, e todos, de uma só vez, mostraram claramente uma situação de orfandade de grande parte da população com relação a sua representação política e a falta de esperança de uma mudança substancial de sua vida material cotidiana em curtíssimo prazo.

É preciso pontuar que não houve uma revolta popular, como em seus moldes mais clássicos, como muitos poderiam acreditar e outros mais fanáticos já verbalizaram de forma mais imediatista. O que ocorreu foi uma manifestação popular com viés adesista provenientes das classes médias e uma parte menor das classes mais empobrecidas (esta última levada a reboque dos acontecimentos). Em pesquisa realizada pelo **Datafolha** (FOLHA DE S. PAULO, 2003), o perfil dos manifestantes apresentado na pesquisa mostra que a maioria é masculina (61%), com alto nível superior (78%) e,

curiosamente, não possui nenhum partido de preferência (72%). Segundo a pesquisa realizada, outra característica comum era a predominância do transporte público como forma de locomoção. O mais utilizado pelos manifestantes é o metrô (79%), seguido do ônibus (64%), trem (21%) e do carro (20%). Curiosamente, a bandeira do MPL (Movimento Passe Livre), a tarifa zero, foi defendida por apenas 25% das pessoas entrevistadas. Ainda segundo o DATAFOLHA, metade dos entrevistados citou a corrupção como a principal bandeira. Em seguida aparecem queda na tarifa (32%), contra os políticos (27%), melhora na qualidade do transporte (19%) e contra a PEC 37 (16%) e o restante demais temas *a la carte* do entrevistado-manifestante (segundo o critério da pesquisa, a soma dá mais de 100% devido à possibilidade de escolhas múltiplas permitidas pelo entrevistado).

Mais sintomática ainda é o comportamento da bem letrada e nutrida, branqueada e materialista classe média brasileira que vive no exterior e que fez ordeiras manifestações em seus países acolhedores em “solidariedade” aos brasileiros que ficaram na Terra Brasilis. A mesma classe média despojada que tem ojeriza por tudo que é brasileiro quando pisam em solo brasuca, sempre comparando de forma depreciativa “o lá maravilhoso e o aqui tétrico”, mas lá fora se acham os mais autênticos dos brasileiros. Seria então alguma “revolta popular” brasileira em terras estrangeiras? Claramente que não. Lembrando que do ponto de vista da ideologia política, tal grupo, em geral, tem ojeriza à esquerda e são eleitores de candidatos à direita do espectro político.

O que causa estranheza não é a mobilização popular, sendo isto algo rotineiro na história da vida pública

brasileira, apesar de sua invisibilidade perante a Grande Mídia, mas um aglomerado das pessoas que mais foram favorecidas pelo “boom” econômico brasileiro dos últimos anos. Pertinente notar que sem uma pauta definida com as mais variedades de pedidos reivindicatórios, verificados na totalidade das manifestações, que mais lembra uma gigantesca procissão religiosa de Nossa Senhora do Círio de Nazaré, mais conhecido como Círio de Nazaré, celebrada na cidade de Belém, no Pará, e nacionalmente conhecida pela devoção catártica de seus participantes. Sintomática a perda de referencial político de boa parte dos brasileiros, canalizando grande energia para assuntos tão técnicos (como repentina e atípica popularidade da PEC-37<sup>9</sup>) profundamente quanto existencialistas.

Também deve ser ressaltada a explosiva violência engendrada por uma parcela minoritária, mas significativa em termos de recurso midiático, que penetraram entre manifestantes, como uma horda de gafanhotos sem controle, para produzir uma série de destruição contra o patrimônio público, privado e saques generalizados em lojas, bancos e destruição massiva de tudo que aparecer pela frente. É pertinente dizer que a voracidade dos “arruaceiros”, termo utilizada pela presidenta Dilma em pronunciamento à nação no dia 21 de junho, estaria longe de serem figuras meramente indignadas, mas um pequeno coletivo predisposto a cometer

atos de vandalismo com fins criminosos e deixando um lastro de sensível destruição. Não faltaram vândalos oriundos da classe média e que após presos pela política, pediram “desculpas” pelos seus atos nas delegacias. Seria um afã orgástico da irretocável classe média, tão crítica da corrupção e dos péssimos modos dos políticos, sempre culpando os pobres por sua pobreza, se travestirem em uma nuvem de gafanhotos pequeno-burguesa, se aproveitando da turba para destruir tudo pela frente?

A violência desenhada nos protestos não se limitou a São Paulo, e foi observada nos casos mais nítidos no Rio de Janeiro, Salvador, Belém e, particularmente, Brasília, entre outras cidades de grande e médio porte. Situações de tamanha sanha de violência que demonstrou claramente o despreparado das polícias locais para conter atos de violência e vandalismo generalizado. Deve-se ter em mente as cenas do vandalismo presentes no Itamaraty demonstrou um caráter apocalíptico, um verdadeiro clima de guerra civil no coração do poder, nunca observado no Brasil e, sem o menor lastro de conteúdo sistêmico que justifique tamanha barbárie descontrolada de seus ferozes participantes.

## **8. Considerações finais: céu turvo e os perigos de uma forte guinada conservadora.**

É mais fácil abraçar o clamor popular do que fazer quaisquer críticas mais construtivas perante o engajamento energético para um aparente vazio reivindicatório. As manifestações populares são tão salutares no ambiente democrático assim quanto seu grau de organicidade para que se possam ser

<sup>9</sup> A Proposta de Emenda Constitucional 37/2011, cuja sigla ficou conhecida como PEC-37, foi um projeto legislativo brasileiro que se aprovado, limitaria o poder de investigação criminal a polícias federais e civis, retirando-o de, entre outras organizações, o Ministério Público. Posteriormente, diante da pressão dos protestos, a proposta foi arquivada pela Câmara dos Deputados (IKEMOTO, 2013).

traduzidas em operações realísticas pelos governantes e, assim, eles também serem cobrados pelas suas leniências. Por outro lado, a adesão visceral do PT no âmbito federal ao neoliberalismo populista refletiu seu distanciamento dos reais movimentos sociais e sindicais, a perda de referência nas ruas e que, naturalmente, se refletirá nas urnas.

A tarifa dos transportes públicos foi o estopim do gozo refreado da turba indignada e dos golpistas para jogarem gasolina na fogueira. Curiosamente, aos que mais reclamaram das tarifas, setores da classe média, utilizam cada vez menos o transporte público, pois o modelo neoliberal petista permitiu aos manifestantes comprarem veículos “como nunca antes neste país”, tal como poderia dizer o ex-presidente Lula. A opção pelo transporte individual foi outro grande erro acumulado que as gestões petistas em âmbito federal e que conduziram ainda mais ao deslocamento de suas propostas históricas. A Grande Mídia, com ares golpistas, está há meses buscando desestabilizar o governo Dilma, utilizam-se agora na estratégia criar um “terrorismo midiático”, embarcada na onda dos manifestantes órfãos políticos e indignados de plantão.

Em 1964, assim como agora, em 2013, uma onda conservadora varreu o país, cada um ao seu modo, mas com muitas similaridades entre si, traduzida na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, formada por setores conservadores da sociedade brasileira que repudiavam o então presidente João Goulart e a suposta “ameaça comunista”, e que chegou a levar um milhão de pessoas na ocasião nas ruas do antigo Estado da Guanabara, em 02 de abril de 1964. A Marcha de 1964 conduziu à derrubada do governo João Goulart e bateu palmas para o

entronamento dos militares (somente anos depois, a classe média com ares golpistas percebeu o ovo da serpente que havia colocando no ninho dos abutres). Contando com a campanha da Grande Mídia como o “cupido”, quase meio século depois, a segunda onda conservadora da atualidade namora na possibilidade de diminuir o tempo de vida política do governo Dilma, curiosamente, tal como Goulart, gestão formada pela centro-esquerda.

Outro sintoma, entre os que já foram abordados, merece destaque. Na sexta-feira, 21 de junho, um dia depois que as marchas pelo país bateram todos os recordes de mobilização e violência, cuja estimativa foi de um milhão de pessoas, o senador Cristovam Buarque (ex-PT) e atual PDT, discursou no Senado Federal pedindo a extinção dos partidos políticos e a convocação de uma Assembleia Constituinte para o país. A fala de Cristovam foi enfática:

Talvez eu radicalize agora, mas acho que para atender o que eles querem nós precisaríamos de uma lei com 32 letras: estão abolidos os partidos, estão abolidos todos os partidos. Isso sensibilizaria a população lá fora. Hoje, nada unifica mais todos os militantes e manifestantes do que a ojeriza, a desconfiança, a crítica aos partidos políticos (GUERREIRO, 2013).

Ademais, apesar dos avanços significativos no período, resta a certeza que o mundo da “grande esperança lulista” pregado pelos governos petistas de Lula e Dilma ruiu e não estaríamos mais nos trilhos do Éden dos Trópicos via o endosso de programas de inclusão como o bolsa-família, o fôlego do microcrédito familiar, o ufanismo dos megaeventos esportivos e discursos patrióticos. A inserção de milhares de pessoas que saíram da miséria latente para uma perene vida econômica não

necessariamente significava acesso à maior cidadania no país. Puxado pela propaganda midiática anti-governo, o namoro do governo Dilma com a ficcional “nova classe média”<sup>10</sup>, momentaneamente se mostrou desgastado e abriu-se uma crise instalada no “romance” da classe proletarizada emergente, em especial, despertou os ânimos mais acirrados das classe médias.

A onda catártica da moralidade cívica ao menos poderá engendrar um componente que permitirá aos partidos de esquerda, em especial ao PT, saírem da zona de conforto que estavam imersos nos últimos anos e reconduzi-los para o tocante de uma realidade mais factível. Todavia, os mais oportunistas da direita e seus plantonistas fascistas voluptuosos de uma sanha golpista foram igualmente acordados no turvo momento político que o país foi atirando nos últimos meses.

Os sindicatos, em sua esmagadora maioria, precisam sair da inércia que se encontram, se nutrindo de verbas públicas e de seus associados, com lideranças píffias, inodoras e corruptas, e vegetando numa zona de conforto que não representa a realidade dos seus filiados. A falta de participação dos sindicatos nas mobilizações é mais um sintoma do esfacelamento das representações organizadas dentro do cenário nacional.

O vazio de lideranças ficou evidenciado na catártica marcha da orfandade brasileira. Na desertificação da política

nacional, há um terreno a ser disputado entre vários grupos de interesses, e mais enfaticamente, entre os golpistas reacionários conservadores da direita e uma pequena esquerda extremista. De concreto até o momento, o oceano na realidade nacional se encontra turvo. No maremoto dos acontecimentos, as esquerdas mais progressistas se encontram norteadas e perdidas e a densidade da névoa de instabilidade ainda permanece sobre o céu brasileiro. O lema do desespero sintomático que rondou nos dias mais intensos, entre junho e julho, foi propício para os apocalípticos de plantão, com relação às marchas, e seus manifestantes e simpatizantes bradavam: “Melhor isto do que nada!”. Desta maneira, por mais justas que sejam as reivindicações (as poucas com algum norte definido), ainda precisam de uma condução orgânica, tarefa que exige maior esforço político e participação popular (curiosamente, para os grupos que se dizem “apolíticos” seriam atos desconexos a serem orquestrados!).

Quanto maior o grau de despolitização da sociedade e de suas marchas reivindicatórias com um tom messiânico arraigado, mesclado com um niilismo autoritário, maiores serão as possibilidades de cooptação de qualquer movimento seja pela pauta da Grande Mídia, seja pela pauta dos elementos fascistas, reacionários e golpistas. A História não é cíclica, mas são pertinentes seus sintomas e consequências históricas.

---

<sup>10</sup> De forma resumida, podemos entender que a controversa “nova classe média” foi criada pelas estatísticas governamentais para tentara quantificar a elevação de renda dos brasileiros. Desta análise, está muito mais próxima para atender padrões econométricos do que ser calcada em factível realidade sociológica.

**Referências**

ABRUCIO, Fernando. A luta dos "cansados" contra os "perseguidos". **Revista Época**, Ed. 481, 09 ago. 2007. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG78490-5855,00.html>> Acesso em: 22 jun. 2013.

CARVALHO, José M. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

FOLHA DE S. PAULO. "Corrupção é principal motivação de manifestantes em SP, diz Datafolha". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 jun. 2013. Cotidiano, on-line. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1299344-corrupcao-e-principal-motivacao-de-manifestantes-em-sp-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

FERREIRA, Muniz. Quebra-bondes: Transporte público urbano e protesto social no Brasil contemporâneo. **Biblioteca Virtual 2 de julho**, 2013. Disponível em: <http://www.bv2dejulho.ba.gov.br/portal/index.php/edicoes-especiais.html> Acesso em: 06 nov. 2013.

GUERREIRO, Gabriela. "Cristovam Buarque defende fim dos partidos. **Folha de São Paulo**,

São Paulo, 21 jun. 2013. Cotidiano on-line. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298975-cristovam-buarque-defende-fim-dos-partidos.shtml>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

IKEMOTO, Luisa. PEC 37 é rejeitada e arquivada por 430 deputados no plenário da Câmara. **Correio Brasileiro**, 25 jun. 2013. Disponível em: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2013/06/25/interna\\_politica,373396/pe-37-e-rejeitada-e-arquivada-por-430-deputados-no-plenario-da-camara.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2013/06/25/interna_politica,373396/pe-37-e-rejeitada-e-arquivada-por-430-deputados-no-plenario-da-camara.shtml) Acesso em: 26 jun. 2013.

REVISTA VEJA, "A revolta dos jovens", no. 2326, de 19 de junho. São Paulo: Editora Abril, 2013.

USSAN, Jorge. Os protestos e a queda na desigualdade de renda no Brasil. **Carta Maior**, 29 jun. 2013. Disponível em: <[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=22432](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=22432)>. Acesso em: 29 jun. 2013.

Recebido em 2013-11-11  
Publicado em 2014-06-13